

PRÁTICAS DE PRECONCEITO LINGUÍSTICO EM COMENTÁRIOS SOBRE O FALAR NORDESTINO NO X (TWITTER)

Silvio Nunes da SILVA JÚNIOR

Universidade de Pernambuco - UPE
Universidade Federal de Alagoas - UFAL

Jaedson Tiago Alves GOMES

Universidade de Pernambuco - UPE

Resumo

A presente pesquisa tem como objetivo analisar as práticas de preconceito linguístico evidenciadas em comentários publicados no X (Twitter). Tomando como base estudos da Sociolinguística Variacionista, com embasamento teórico em autores como Bagno (2003, 2007), Antunes (2003), Faraco (2011), Bezerra (2013), Albuquerque Junior (2001), Godoy (2008) e outros, o estudo reflete sobre a problemática do erro no português do Brasil, bem como sobre a constituição de pontos de vista nas redes sociais. Parte-se de uma perspectiva descritiva e interpretativista de pesquisa, dentro de uma abordagem qualitativa, na vertente de etnografia virtual. A análise desenvolvida sinaliza para a expansão de preconceitos linguísticos no ambiente digital, especialmente no X (Twitter). Em decorrência de tal expansão, o estudo contribui para que possamos refletir sobre o uso das variedades linguísticas e como o normativismo colabora a favor do preconceito contra grupos por suas diferenças.

Palavras-chave: Nordeste. X (Twitter). Variação Linguística. Preconceito Linguístico.

LINGUISTIC PREJUDICE PRACTICES IN COMMENTS ABOUT NORTHEAST SPEAKING ON X (TWITTER)

Abstract

This research aims to analyze the practices of linguistic prejudice evidenced in comments published on X (Twitter). Taking as a basis research from Variationist Sociolinguistics, with theoretical basis from authors such as Bagno (2003, 2007), Antunes (2003), Faraco (2011), Bezerra (2013), Albuquerque Junior (2001), Godoy (2008) and others, the study reflects on the problem of errors in Brazilian Portuguese, as well as on the constitution of points of view on social networks. It starts from a descriptive and interpretive research perspective, within a qualitative approach, in the form of virtual ethnography. The analysis developed points to the expansion of linguistic prejudices in the digital environment, specifically, on social networks, on X (Twitter). As a result of such expansion, the study helps us reflect on the use of linguistic varieties and how normativism contributes to prejudice against groups due to their differences.

Keywords: North East. X (Twitter). Linguistic Variation. Linguistic Prejudice.

PRÁTICAS DE PREJUÍCIO LINGÜÍSTICO EN LOS COMENTARIOS SOBRE EL HABLAR DEL NORESTE EN X (TWITTER)

Resumen

Esta investigación tiene como objetivo analizar las prácticas de prejuicio lingüístico evidenciadas en comentarios publicados en X (Twitter). Tomando como base investigaciones de la Sociolingüística Variacionista, con fundamento teórico de autores como Bagno (2003, 2007), Antunes (2003), Faraco (2011), Bezerra (2013), Albuquerque Junior (2001), Godoy (2008) y otros., el estudio reflexiona sobre el problema de los errores en el portugués brasileño, así como sobre la constitución de puntos de vista en las redes sociales. Se parte de una perspectiva de investigación descriptiva e interpretativa, dentro de un enfoque cualitativo, en forma de etnografía virtual. El análisis desarrollado apunta a la expansión de los prejuicios lingüísticos en el entorno digital, concretamente, en las redes sociales, en X (Twitter). Como resultado de tal expansión, el estudio nos ayuda a reflexionar sobre el uso de variedades lingüísticas y cómo el normativismo contribuye a prejuicios contra grupos por sus diferencias.

Palabras clave: Noreste. Gorjeo. Variación lingüística. Prejuicio lingüístico.

1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Este trabalho tem como objetivo analisar as práticas de preconceito linguístico evidenciadas em comentários publicados no X (Twitter). Existe uma inerente necessidade pelo normativismo e é papel da Linguística Aplicada atuar como espaço de reflexão acerca do tema e de suas implicações para os usos da língua na sociedade. Todo sujeito que se apropria de uma língua para interagir deve ou deveria saber que o respeito linguístico é um elemento fundamental para a vivência social. As variações linguísticas, denominação bastante conhecida socialmente, ainda é tomada como problema em diversas situações em que modos específicos de utilização da linguagem são caracterizados como errados e, consequentemente, são ganchos para a ridicularização do falante.

Tomando conhecimento das relevantes transformações das interações comunicativas na sociedade atual, principalmente com o avanço de Tecnologias Digitais de Comunicação e Informação e com a inerente expansão da Internet, esperava-se que o espaço digital favorecesse uma compreensão mais respeitosa no que se refere às variações linguísticas. Muito pelo contrário, as redes sociais são, hoje, espaços de marginalização de variações linguísticas nos quais pessoas são menosprezadas pelas maneiras de utilizar a língua. Entretanto, o que chama atenção para este estudo é o número alto de ocorrências de ofensas

relacionadas ao uso da língua articuladas ao contexto geográfico do falante que vive no Nordeste do Brasil.

Entende-se, assim, a necessidade de uma pesquisa que seja direcionada para às redes sociais para problematizar a variação linguística. Desse modo, embora seja um ambiente frutífero e emergente para se comunicar, interagir com outras pessoas, obter informações e fazer uso de outros recursos, o preconceito linguístico não é uma temática recorrente nos estudos sobre as interações digitais. Dessa maneira, é relevante um trabalho que busque envolver análises da variação linguística no ambiente da internet para que se verifique como os usuários lidam com a diversidade linguística e seus elementos históricos e geográficos.

Apesar de a temática mais ampla já ter sido aprofundada por vários pesquisadores, é preciso aprofundar a forma como a variação linguística é tratada no ambiente virtual e como isso impacta os demais que se utilizam desse espaço para se comunicar. A variação é abundantemente integrada na língua e, por isso, aparece nos mais diversos ambientes. Diante do exposto, se lança mão de procedimentos metodológicos qualitativos, na vertente de etnografia virtual, para analisar os discursos de falantes no meio digital através de postagens do X (Twitter). Espera-se levantar questões importantes que auxiliem as pessoas na conscientização da temática para que se possa combater o preconceito linguístico sofrido por falantes da região nordeste nas redes sociais, em específico, na rede social X (Twitter).

Para dar conta das finalidades propostas, o trabalho se estrutura em considerações iniciais, pressupostos metodológicos, fundamentação teórica, análises e considerações finais.

2 PRESSUPOSTOS METODOLÓGICOS

A abordagem deste trabalho é qualitativa, tomando como base a vertente de etnografia virtual para analisar os discursos de falantes que se referem aos usos sociais da língua pelos nordestinos que utilizam a plataforma X (Twitter). Para a realização desta pesquisa analisam-se postagens (prints) na rede social X (Twitter), em que os sujeitos se voltam ao público nordestino a partir de articulações entre a variação linguística e o contexto social.

Seguindo essa perspectiva descritivo-interpretativista, utilizou-se uma coleta e seleção de publicações/prints de alguns perfis da rede social X (Twitter) com o intuito de verificar a ocorrência do preconceito linguístico praticado contra os falantes da região Nordeste. Para selecionar as postagens, foram escolhidas palavras-chave como: preconceito linguístico, variedade linguística, nordestino e língua portuguesa, para uma melhor localização dos posts

no X (Twitter). Após essa coleta foi feita uma triagem de 7 (sete) postagens que contribuem para a reflexão aqui proposta.

3 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Neste espaço estão as discussões teóricas que fundamentam o trabalho.

3.1. O PRECONCEITO LINGUÍSTICO

A conjuntura social que se vivencia no século XXI tem se destacado devido às lutas contra diferentes manifestações de preconceitos e discriminações em geral. Entre as causas para a ainda existência dessas mazelas sociais está a ignorância, as manipulações ideológicas-políticas e a própria intolerância. Da mesma forma como se observa a luta contra preconceitos como o racismo, a misoginia e a homofobia, percebe-se o desleixo, em algumas situações, acerca do preconceito linguístico. Como popularmente se conhece no campo linguístico, a língua sofre mudanças de cunho histórico, geográfico, cultural e social, fato que, por muitos, em especial aqueles que atuam no ensino da língua, é ignorado e esquecido mediante um ensino centrado na norma padrão, que carrega consigo o caráter de legitimação por uma camada social prestigiada. Essas afirmativas podem ser confirmadas em espaços variados, como em novelas, programas de televisão e, especialmente, em interações construídas em redes sociais.

Segundo Bagno (2007),

O preconceito linguístico está ligado, em boa medida, à confusão que foi criada, no curso da história, entre língua e gramática normativa. Nossa tarefa mais urgente é desfazer essa confusão. Uma receita de bolo não é um bolo, o molde de um vestido não é um vestido, um mapa-múndi não é o mundo... Também a gramática não é a língua (Bagno, 2007, p. 9).

Bagno (2007) é assertivo em sua reflexão quando destaca que, ao longo dos anos, as noções de língua e gramática foram tomadas, por muitos falantes, como sinônimas, o que retoma, por exemplo, a discussão de Geraldi (1984) e Silva Júnior (2024), quando os autores criticam a concepção de linguagem como expressão do pensamento. Sabendo que documentos oficiais como os Parâmetros Curriculares Nacionais e a Base Nacional Comum

Curricular delegam a necessidade da promoção de uma discussão centrada na variação linguística em sala de aula, ainda há a prevalência de discursos que deslegitimam as construções linguísticas que marcam a cultura de um povo.

É de conhecimento de muitos que a gramática realmente ocupa um lugar importante na formação do sujeito pela escola. Sabe-se que é, inclusive, obrigação da escola favorecer o ensino da gramática, desde que ela não seja um veículo de ataque às variações linguísticas de menor prestígio.

De acordo com Leite (2008),

em relação à língua, pode-se falar tanto de preconceito quanto de intolerância [...] O preconceito é a discriminação silenciosa e sorrateira que o indivíduo pode ter em relação à linguagem do outro: é um não-gostar, um achar feio ou achar errado um uso (ou uma língua), sem a discussão do contrário, daquilo que poderia configurar o que viesse a ser bonito ou correto. É um não gostar sem ação clara sobre o fato rejeitado. A intolerância, ao contrário, é ruidosa, explícita, porque, necessariamente, se manifesta no discurso metalinguístico calcado em dicotomias, em contrários [...] (Leite, 2008, p. 24).

Como destaca Leite (2008), há de se admitir que o preconceito linguístico é aquele mais silencioso e desconhecido. Em outras palavras, são poucos os falantes que sabem que quando se ataca uma forma de falar automaticamente se ataca todo um grupo social que é representado por essas construções que também são linguísticas. Por isso, é necessário produzir conhecimento acerca dessas variações linguísticas e perceber que a língua é um processo diversificado e em constante variação e mudança.

Acerca disso, Possenti (1996) defende de que o problema não está naquilo que se fala, mas em quem fala o que “os grupos que falam uma língua ou um dialeto em geral julgam a fala dos outros a partir da sua e acabam considerando que a diferença é um defeito ou um erro” (Possenti, 1996, p. 29). Para que o ato da fala ocorra há um processo que não é levado em conta por esses grupos, como o tom de voz, o ritmo da fala, fatores esses que podem a tornar diferente, mas não errada.

O preconceito linguístico é um processo ideológico que se encontra em manutenção pelas instâncias de poder. Dessa maneira, existe um valor de prestígio social atribuído à norma-padrão, enquanto para os falantes que utilizam de algumas variantes culturais ou regionais são considerados à margem da linguagem culta. Para Bagno (2007),

A língua é lugar e meio de conflito, porque a sociedade em que vivem os seus falantes também é conflituosa. Embora o linguista diga que NÓS VAI e NÓS VAMOS são variantes, isto é, “duas formas diferentes de dizer a mesma coisa”, o uso de cada uma delas comunica coisas que não são “as mesmas” para quem ouve a construção gramatical A e a construção gramatical B – comunica a origem social de quem fala A ou B, seu status socioeconômico, seu prestígio ou desprestígio na hierarquia da comunidade, sua inserção maior ou menor na cultura letrada, sempre mais valorizada que a cultura oral... Por isso, o discurso do linguista não pode dispensar o discurso do sociólogo, do antropólogo, do filósofo, do psicólogo, do pedagogo para dar conta do que realmente acontece quando a gente abre a boca para falar ou quando se põe a escrever (Bagno, 2007, p. 83).

Em conformidade com o autor mencionado, o preconceito linguístico decorre de um preconceito social mais amplo. Tratar a maneira do outro de falar como “erro” apenas por ser diferente é característica de quem compactua com o preconceito linguístico, bem como com outros preconceitos. O falante que reconhece seus princípios culturais e seus valores, que constituem sua formação e identidade, não deve ser desrespeitado pelo simples fato de sua forma de falar não ser igual àquela vista como correta. É válido pontuar que

onde tem variação também tem avaliação. Quando nós, falantes escolarizados de uma variante urbana culta, rimos (ou temos pena) de alguém que diz “prantá” no lugar de “plantar”, aproveitamos essas diferenças de pronúncia para mostrar que nós não somos pertencentes daquela classe social. [...] Queremos deixar bem clara a distância social, econômica e cultural que existe entre nós e aquele falante de não padrão. E é daí que nasce o preconceito linguístico (Bagno, 2007, p. 42).

A importante discussão de Bagno (2007) ilustra de maneira bastante direta práticas que são comuns em muitos ambientes, quando o sujeito utiliza uma expressão com ocorrência de rotacismo (troca do L pelo R) é quase automático o ar de riso por parte de muitos dos que estão por perto. Muito mais que uma diferença linguística existe uma diferença social que se torna explícita na interação. Se um julga o outro pelo que ele expressa pela língua, deixa claro que pertence a um grupo distinto, que se apropria de uma outra variedade linguística, bem como de padrões sociais diferentes.

Conforme Coelho (2010),

preconceito linguístico vigora firme e sem ser percebido como tal em nossa sociedade, e muitos passam suas vidas acreditando que, de fato, não são capazes de se expressar, que falam uma língua “toda errada” e que nunca

terão acesso a alguns de seus direitos mais básicos como cidadãos, como o direito à justiça, à inclusão e à livre defesa de suas posições (Coelho, 2010, p. 36).

A norma padrão, por sua vez, é estabelecida pelas formas que a linguagem assume em situações de maior formalidade e em sua expressão escrita. Essa é a variação utilizada e requerida em documentos oficiais do Estado, em cerimônias religiosas, em textos sagrados e acadêmicos, bem como na alta cultura. A norma padrão brasileira toma como referência o português europeu, que difere da língua falada no Brasil. Portanto, qualquer variedade não padrão é considerada inadequada e indesejável, independentemente do contexto em que ocorra.

De acordo com Faraco (2008), a norma pode definir-se como "determinado conjunto de fenômenos linguísticos (fonológicos, morfológicos, sintáticos e lexicais) que são correntes, costumeiros, habituais numa dada comunidade de fala" (Faraco, 2008, p. 37). Dessa maneira, norma não é sinônimo de regulamento ou regra, mas de forma "corriqueira", de uso comum numa determinada comunidade de fala. Uma óptica fundamental no conceito de norma linguística é o de que toda língua é coerente e organizada. Não existem normas linguísticas sem regras ou sem gramática. O entendimento de norma, então, compreende apenas conjuntos de usos que são possíveis na estrutura da língua e no interior dos diversos grupos sociais. Tal pensamento aplica-se, ainda, aos usos não cultos/padrão verificados na internet e fora dela.

Segundo Faraco (2008), o problema não é o fato de que se deve desprender a norma padrão/culta, mas que não se faça uso de "condenações arbitrárias que não observam os fatos, que não acompanham a dinâmica da língua, que desconhecem as pesquisas contemporâneas da nossa realidade linguística e os estudos consolidados nos bons instrumentos normativos" (Faraco, 2008, p. 100). A variante linguística padrão tem um caráter "acusador", pois faz inferir de qual espaço ocupam na sociedade os falantes que dela se utilizam. Como infere Bagno (2007),

Do ponto de vista exclusivamente linguístico, o fenômeno que existe no português não-padrão é o mesmo que aconteceu na história do português-padrão, e [pg. 42] tem até um nome técnico: rotacismo. O rotacismo participou da formação da língua portuguesa padrão, como já vimos em branco, escravo, praga, fraco etc., mas ele continua vivo e atuante no português não-padrão, como em broco, chicrete, pranta, Cráudia, porque essa variedade não padrão deixa que as tendências normais e inerentes à língua se manifestem livremente (Bagno, 2007, p. 42).

O que o autor cita é o que deveria ser conhecimento daqueles que segregam e praticam o preconceito linguístico. Destarte, colocam em posição inferior os sujeitos com menor poder aquisitivo, cujo suas falas e expressões verbais são subjugadas, tratadas como sem valor, erradas, rejeitadas e tomadas como objeto de repulsa quanto os próprios falantes que delas utilizam-se para se comunicar, produzir sentidos e dar significado.

A seguir, problematiza-se a questão dos pontos de vista nas redes sociais.

3.2. CONSTRUÇÃO DE PONTOS DE VISTA NAS REDES SOCIAIS

Os avanços das tecnologias que configuraram aquilo que se conhece por Ciberespaço corrobora para a participação de muitos sujeitos que fazem uso da internet para trabalhar, se comunicar com familiares, amigos etc. Esse fato implicou mudanças na conexão entre os sujeitos e as redes sociais das quais participa. Isso ocorre devido à sociedade globalizada, repleta de mudanças capazes de favorecer reflexões acerca de temas subjetivos como o uso da linguagem em situações formais e informais.

Diante das evoluções ocorridas no âmbito tecnológico, o acesso à Internet é algo muito fácil, rápido e cada vez mais prático. Por esta razão, as informações circulam na mesma velocidade, dando espaço para que as pessoas se utilizem das mídias sociais como meio de construir sua própria identidade e, sobretudo, estabelecer uma comunicação simbólica.

Outrossim, o Ciberespaço oferece aos sujeitos ampla participação e interação em meios sociais de diferentes meios de comunicação, os quais possuem facilidade em construir discursos e, assim, compartilhá-los uns com os outros. Logo, onde há comunicação há linguagem, e se há linguagem, há interação. Ao criarem um perfil em uma rede social, os sujeitos estão cientes de que têm a liberdade de postar uma frase, uma opinião sobre o assunto polêmico ou, até mesmo, uma legenda em suas fotos.

Partindo dessa visão, Gomes e Pimentel (2016) afirmam que "a escrita no ambiente digital, mais do que a oralidade na interação face a face, torna-se um mecanismo de auto exposição dos usuários, ocasionando juízos de valor sobre usos "certos" e "errados da língua" (Gomes; Pimentel, 2016, p. 732). Em conformidade com os autores citados, o meio digital possibilita a interação, mas torna o usuário exposto a julgamentos de outros usuários devido a sua forma de escrever.

Com o crescimento da internet, o poder de persuasão do âmbito midiático e das redes sociais alargou o alcance temporal e espacial, atingindo muitos aspectos da vida pessoal,

tornando-a, por vezes, de acesso ao público. Isso implica dizer que os usuários compartilham suas experiências pessoais nas redes sociais através dos meios de interação ofertados pela plataforma escolhida. A respeito disso, Recuero (2016) diz que nos dias atuais só é possível compreender como ocorrem as interações de determinados grupos através das redes sociais e da Internet.

Outro ponto importante sobre as redes sociais é que, nelas, além de se possibilitar o contato com discursos sempre diversos, é possível analisar as especificações que cada grupo apresenta frente aos demais. Sobre isso, Recuero (2016, p.19) afirma que

Nos sites de redes social, as práticas conversacionais também delineiam, discursos. O termo 'discurso' é aqui definido como uma forma de representação e reprodução ideológica (...) o discurso não está apenas no enunciado e em sua construção, ele está sistematicamente imbricado como um conjunto ideológico que se reflete no corpo de presenças e ausências de elementos das falas dos usuários.

Isso permite inferir que através dos discursos proferidos pelo sujeito e de suas práticas conversacionais é possível perceber qual a ideologia que o autor do enunciado defende. Logo, é possível, também, analisar as relações de poder legitimadas pela linguagem (Recuero, 2016). Essa discussão é importante porque é perceptível, em discursos nas redes sociais, falantes que visam impor ordem, desordem ou até inclusão através de seus enunciados, a fim de defender seus interesses.

Deve-se ressaltar, ainda, que a sociedade, por muitas vezes, superestima o viés normativista. É necessário buscar compreender que existem diversas formas de falar/expressar e saber que cada uma destas tem seu valor linguístico-social. De acordo com Faraco (2008), todo falante possui o direito de ter um viés mais conservador da forma que se fala ou escreve, de não se apropriar das modificações linguísticas. Contudo, “o fato de ter uma atitude mais conservadora não lhe dá o direito de condenar os que usam formas inovadoras” (Faraco, 2008, p. 100). Essa condenação, como se apresentou ao longo do trabalho, tem relação com a influência do sistema escolar e com o preconceito linguístico e social, tendo em vista a temática dos *tweets*. Segundo Coelho e Izete (2010), o âmbito das redes sociais permite que se tome conhecimento de diversos grupos de falantes. “A utilização de redes sociais possibilita o estudo de pequenos grupos sociais, como grupos étnicos minoritários, migrantes, populações rurais etc., favorecendo a identificação das dinâmicas sociais que motivam a mudança linguística (Coelho; Izete, 2010, p. 41).

A linguagem das redes sociais em geral é comumente denominada internetês, variante linguística que engloba e legitima muitas das já existentes. De acordo Komesu (2009), o internetês se configura como forma de grafolinguística que se difundiu em textos, como em chats, blogs e demais redes sociais. De uma forma mais ampla, ao consultar qualquer site de busca sobre a linguagem da internet, o que se obtém é uma quantidade numerosa de páginas, vídeos e imagens que exibem, discutem, advertem, se opõem e, sobretudo, estigmatizam e ridicularizam os erros de português mais comuns/mais vergonhosos nas redes sociais. Nesses espaços, as ocorrências dos chamados erros têm sido tratadas como resposta para todo tipo de sujeito que se utiliza da forma não padrão da língua, até quando esses "erros" têm sua origem fora das mídias digitais ou quando eles perduram independentemente delas.

Compreende-se as redes sociais, na percepção apresentada por Recuero (2009), como uma "metáfora para observar os padrões de conexão de um grupo social, a partir das conexões estabelecidas entre os diversos atores" (Recuero, 2009 p. 24). A rede social, a vista disso, é um tipo de estrutura social que liga as pessoas, grupos ou instituições.

A mídia, de uma forma geral, por muitas vezes reforça estereótipos preconceituosos sobre o povo nordestino, principalmente na TV, na qual novelas retratam as pessoas e a região intencionalmente relacionadas à retratação de miséria. Na representação do Nordeste estão presentes o coronel, tiros e tocaias, o padre, a cidadezinha do interior e todas as personagens falam "nordestino", uma variação formada por um sotaque postigo e acentuado e um conjunto de expressões pouco usuais, saídas do português arcaico, de uma determinada linguagem local ou de dicionários de expressões folclóricas. Segundo Bagno, "as variedades de outras regiões, como a nordestina [...] são consideradas, no melhor dos casos, 'engraçadas', 'divertidas', 'pitorescas' ou, no pior, 'grosseiras', 'erradas' e 'feias', pelos falantes das variedades sudestinas" (Bagno, 2007, p. 26-27).

Ademais, vale reforçar que ao segregar um grupo de pessoas de uma mesma região e estigmatiza-lo isso reforça o que já foi dito, pois esses fatos de preconceito linguístico contra os nordestinos são vistos comumente nas redes sociais. Alguns estereótipos, como citado, mancham e preconizam a imagem de grupos de pessoas meramente por suas diferenças. Estes são, de acordo com Albuquerque Júnior (2011), traços socialmente marcados de forma consciente. Os estereótipos são comumente explorados, com certo exagero, na composição de personagens de programas humorísticos, em piadas e em novelas e em filmes. O autor complementa que "definir a região é pensá-la como um grupo de enunciados e imagens que se repetem, com certa regularidade, em diferentes discursos, em diferentes épocas, com

diferentes estilos e não pensá-la uma homogeneidade, uma identidade presente na natureza” (Albuquerque Júnior, 2011 p. 34).

Endossando a discussão, é cabível compreender que não só a oralidade é caracterizada pela heterogeneidade, como também a escrita, sobretudo no espaço virtual. Ou seja, os modos de enunciação da fala e da escrita coexistem mutuamente. Portanto, não há superioridade de uma sobre outra. Nessa linha de raciocínio, Antunes (2003) assinala que: “Sempre foi assim e sempre será. Admitir este princípio é o mesmo que admitir uma gramática variável, flexível, adaptada e adequada às circunstâncias concretas em que a linguística acontece” (Antunes, 2003, p. 90). Nesse processo, as regras deixam de serem vistas como as únicas regras certas e passam a obter diversas formas de dizer a mesma coisa.

A gramática normativa só pode ser compreendida como tal quando se referir à escrita formal da língua, porém, no meio social, a forma como a língua se manifesta é variável de acordo com a cultura do autor do enunciado e o local. No entanto, o Brasil apresenta uma vasta desigualdade entre classes sociais, justificando, assim, o vasto abismo linguístico entre os sujeitos usuários da norma padrão do português brasileiro e os usuários da pressuposta variedade culta ensinada nas escolas. A respeito da última variação citada, Faraco (2008) explica que

Essas variedades prestigiadas constituem o que chamamos de norma ou variedade culta; elas representam um ideal de língua cultivado pela elite intelectual, pelo sistema escolar, pelos meios de comunicação social. São essas formas prestigiadas que irão ocorrer preferencialmente na escrita (Faraco, 2008, p. 32).

Nas redes sociais há uma forte defesa a respeito da norma culta ensinada nas escolas. A defesa da norma culta na internet se torna motivo de embate por sujeitos que caracterizam quem utiliza variações relacionadas às interações de internet como “assassinos do português”. Na rede social X (Twitter), é possível encontrar diversos “juízes do português” que fiscalizam comentários e postagens a fim de corrigir os usuários, quando não, ridicularizá-los.

Os atos de correção nas redes sociais surgem do exacerbado esforço das pessoas em coincidir a variedade de prestígio, por acreditarem que ao segui-la estão dominando a forma “correta” da língua. Cada sujeito possui uma forma particular de falar e escrever. Não se pode afirmar o que está correto ou incorreto, tendo em vista que a língua é mutável. A esse respeito, Soares (2008) destaca que

[...] como ocorre em relação às línguas, cada dialeto e cada registro é adequado às necessidades e características do grupo a que pertence o falante, ou à situação em que a fala ocorre: todos eles são, pois, igualmente válidos como instrumentos de comunicação; também não há nenhuma evidência linguística que permita afirmar que um dialeto é mais 'expressivo', mais 'correto', mais 'lógico' que qualquer outro: todos eles são sistemas linguísticos igualmente complexos, lógicos, estruturados (Soares, 2008, p. 40)

Em consonância com a autora, a maneira como o falante se expressa, seja através da escrita ou da fala, condiz com a necessidade de comunicação ou com o objetivo que ele deseja alcançar. Assim como há a adequação da fala a depender do meio em que está inserido, há adequação da escrita. As redes sociais são espaços nos quais os usuários sentem-se a vontade para escreverem/digitarem como acham necessário, utilizando corriqueiramente a abreviação. Em outros casos também é comum o equívoco na ortografia, o qual, infelizmente, em sua maioria não é bem recebido por outros usuários.

Os meios de expressão através da escrita nas redes sociais têm um público-alvo que lê, interage, comenta, concorda, discorda, através de abreviações, gírias, emoticons, dentre outros meios. No entanto, algumas pessoas atuam policiando as outras, desconsiderando que, em contextos informais, o usuário da língua pode utilizar a variedade linguística de sua escola. Por isso, cabe mencionar Marcuschi (2007), que argumenta que a escrita “possui normas ortográficas rígidas e algumas regras de textualização que diferem na relação com a fala, mas isso não significa que não haja variação nos modos de escrever” (Marcuschi, 2007, p. 17).

A escrita é decorrente da fala. Logo, se na fala há variação na escrita também haverá. Essa diversidade se volta tanto à construção estrutural da língua como no que tange aos aspectos estilísticos e outros. No entanto, tanto uma quanto outra modalidade possui características próprias nas práticas de linguagem. Consequentemente, uma das razões pelas quais o preconceito linguístico é cada vez mais presente é a da apropriação de recursos da fala na escrita.

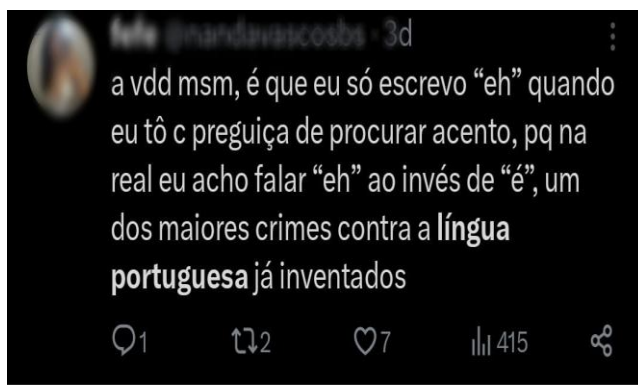
4. ANÁLISE DOS DADOS

Antes de dar início à análise dos dados, destaca-se que o foco da pesquisa, como exposto anteriormente, é analisar postagens dos usuários do X (Twitter) acerca dos falares

do Nordeste, bem como do preconceito linguístico disfarçado de opinião. Ademais, os estudos desenvolvidos pela Sociolinguística e os autores citados na fundamentação teórica do presente estudo serve como base de sustentação das análises a seguir. A princípio, foram separados *posts* nos quais há comentários a respeito da língua de modo geral, para, em seguida, destinar o foco das postagens referentes ao Nordeste e seus usuários da língua. Em seguida, foi realizada, de forma crítica, a avaliação de cada comentário, a fim de que se pudesse dar ênfase a discussões mais relevantes.

Na Figura 1, encontra-se a presença do Internetês na palavra “eh”, que foi escrita com “H” ao invés da letra “E” com acento agudo. O usuário, ou dono do *post*, justifica o uso dessa adaptação da ortografia como preguiça de procurar o acento, além de afirmar que tal adaptação é um crime contra a língua portuguesa. Tomando como gancho para a discussão, pode-se indagar a questão de algumas pessoas utilizam o H no final das palavras como “substituto” do acento agudo por ser difícil usar os acentos no teclado. No entanto, a norma culta prevê que o H seja usado ao final das palavras que apresentam interjeições. Sendo assim, é comum que usuários da norma culta reajam de forma grosseira ao se depararem com esse tipo de adaptação.

Figura 1: uso do H como acento agudo



Fonte:

<https://twitter.com/nandavascosbs/status/1749141439743725711?t=EEUoqpYF1G80QkkqyFVdNw&s=19>

Além da adaptação da ortografia nota-se, também, a presença da abreviação no *post*, fator este característico da linguagem utilizada na internet. Esta, por outro lado, não é percebida de forma negativa no meio virtual, já que é uma escrita corriqueira. Entretanto,

alguns autores criticam firmemente o uso de abreviações na língua portuguesa com a justificativa de que tal uso é prejudicial a norma culta. Marcuschi (2006, p. 62) afirma que:

Tanto na produção oral como na escrita o sistema linguístico é o mesmo para a construção das frases, mas as regras de sua efetivação, bem como os meios empregados são diversos e específicos, o que acaba por evidenciar produtos linguísticos diferenciados.

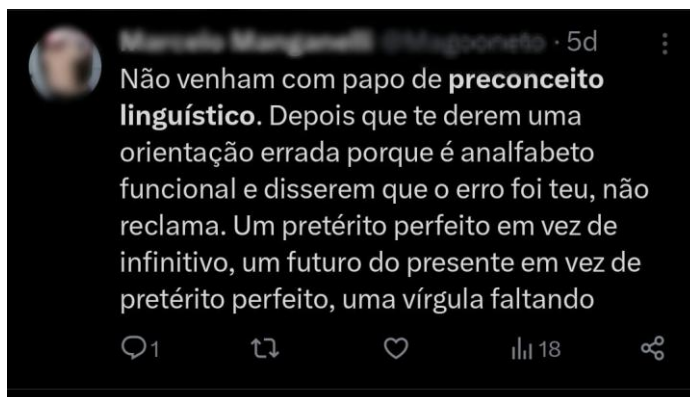
Isso implica dizer que as representações escritas possuem características e normas diferentes da fala, mas que devem ser seguidas. Dessa forma, ambas, fala e escrita devem ser percebidas sob sua perspectiva de uso e não como sistema, já que algumas convenções são mais orais que escritas. O avanço tecnológico aprimorou as relações sociais, a vivência em sociedade, bem como todos os ramos. No entanto, o excesso de uso da tecnologia tem tornado a escrita muito mais complexa na vida das pessoas. Seguindo essa linha de pensamento, Rampazzo (2009) argumenta que “O Internetês foi durante algum tempo um bicho de sete cabeças para gramáticos e estudiosos da língua. Eles temiam que as abreviações fonéticas [...] comprometessem o uso da norma culta do português” (Rampazzo, 2009, p. 12).

Na figura 2, o usuário traz uma temática relevante para discussão no presente trabalho: o analfabetismo funcional. O analfabetismo funcional refere-se àqueles que sabem ler e escrever, mas, apesar disso, não conseguem interpretar o que está sendo escrito, ou não sabem utilizar a leitura a seu favor. A UNESCO define este termo como:

Toda pessoa que sabe escrever seu próprio nome, assim como lê e escreve frases simples e efetua cálculos básicos, porém é incapaz de interpretar o que lê ou de usar a leitura e a escrita em atividades cotidianas, impossibilitando seu desenvolvimento pessoal e profissional (UNESCO, 2014, p. 13).

Dito isto, analisando o conteúdo abordado na figura, nota-se que o autor do *post* tece uma crítica acerca das pessoas analfabetas funcionais, destacando que estas erram na orientação a seus interlocutores por não serem capazes de interpretar informações corretamente, resultando no uso equivocado dos tempos verbais e sinais de pontuação. Além disso, o autor afirma que tal situação não é “papo de preconceito linguístico”, o que nos levar a questionar, é preconceito ou, não é?, a partir da Figura 2.

Figura 2: Analfabetismo funcional



Fonte: <https://twitter.com/Magooneto/status/1748028604984815702?t=1eEOlOM7y83-0ODxIKihCw&s=19>

Produz-se um discurso rígido e, porque também não dizer, equivocado do que ela entende como regra gramatical. O texto deixa explícito que a escrita que foge das regras gramaticais e isso a torna inaceitável e passível de ridicularização. O fato de não seguir a gramática à risca não torna o outro menos capaz e argumentar que o preconceito linguístico não é algo presente na sociedade. Ele existe e tem que ser combatido, desconstruindo a ideia de normatização que é apresentada na Figura 3.

Figura 3: A normatização do preconceito linguístico



Fonte:

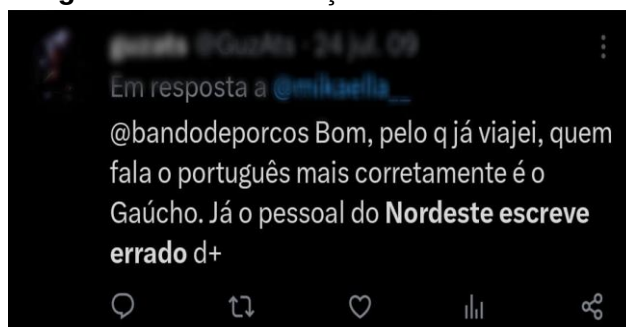
<https://twitter.com/nathxis7/status/1747759444694552658?t=OTVkcU5FSzM9SwGKORAgIQ&s=19>

Ao observar o *post* acima vê-se um pouco sobre o que é a normatização do preconceito linguístico e como é propagado nas redes com “tom de piada” e, em seguida, pode-se ver os comentários que aparecem em seguida. O 2º e o 3º chamam atenção pela forma em que os autores dos comentários falam dos “erros do português” e debocham dos desvios gramaticais. No 2º comentário em específico, a autora do comentário comete desvios propositais com o intuito de menosprezar. Segundo Bagno (2007), esse preconceito parte de um idealismo rudimentar de que tudo que foge à regra não serve. Para o autor,

O preconceito linguístico se baseia na crença de que só existe, como vimos no Mito nº 1, uma única língua portuguesa digna deste nome e que seria a língua ensinada nas escolas, explicada nas gramáticas e catalogada nos dicionários. Qualquer manifestação linguística que escape desse triângulo escola-gramática-dicionário é considerada, sob a ótica do preconceito linguístico, “errada, feia, estropiada, rudimentar, deficiente”, e não é raro a gente ouvir que “isso não é português” (Bagno, 2007 p. 40).

Dessa forma, pode-se perceber que o tweet em questão se relaciona com o que foi discutido por Bagno (2007) e descreve o pensamento das pessoas que levam a regra gramatical com tamanha rigidez, esquecendo até o ambiente informal em que está inserida. Nas próximas imagens faz-se uma abordagem mais direcionada ao preconceito linguístico praticado contra os nordestinos por sua “diferenciação” na fala, e que, desse modo, acaba sofrendo este dito de preconceito, apenas por ser diferente. Nos tweets que seguem fica explícita a desinformação das variedades linguísticas e, porque também não dizer, a ignorância por parte das pessoas que praticam tal segregação. O autor da postagem também cita o fato de ter viajado por outros estados e usa isso como um meio de justificar sua fala, esquecendo completamente da variante regionalista que cada localidade dispõe e se difere dos outros grupos que não pertencem aquele mesmo grupo de falantes, não cabendo a comparação que ele faz entre os sulistas e os nordestinos. A Figura 4 retrata a discriminação contra o Nordeste.

Figura 4: A discriminação contra o Nordeste



Fonte: https://twitter.com/GuzAts/status/2823918928?t=Hse0YVA_ManiUhgr9NzbNw&s=19

Tendo em vista que a figura acima trata da região Nordeste, cabe salientar que se refere à variação linguística regional. Como o próprio nome sugere, a variação regionalista diz respeito à localização regional do sujeito, seja cidade, estado, áreas urbanas ou rurais, a qual pode influenciar desde o sotaque ao léxico das palavras. O preconceito linguístico é um preconceito social. Para embasar as afirmativas aqui apresentadas, pode-se usar como referência Bagno (2007), que descreve os mitos existentes no que se refere a esse tema. Segundo o mesmo autor,

Não sei quem foi a primeira pessoa que proferiu essa grande bobagem, mas a realidade é que até hoje ela continua sendo repetida por muita gente por aí, inclusive gente culta, que não sabe que isso é apenas um mito sem nenhuma fundamentação científica. De onde será que veio essa ideia? Esse mito nasceu, mais uma vez, da velha posição de subserviência em relação ao português de Portugal (Bagno, 2007 p. 46).

Isso implica dizer que não se pode desprezar as variantes linguísticas que existem no dialeto regional, menosprezar um grupo que não cabe por apenas “achar” que o outro está equivocado por não estar seguindo à risca a norma padrão da língua portuguesa. A comparação que existe entre o dialeto sulista e o nordestino não acrescenta em nada cientificamente.

A região Nordeste, na mídia, é corriqueiramente estereotipada como a região da seca, da pobreza, da fome. Isso é motivado pelo fato de essa região ser representada na Televisão, por exemplo, por pessoas que falam “Nordestino”, língua formada por sotaque baseado em dicionários, com expressões pouco usuais advindas de um português arcaico. Na tentativa de trazer essa representatividade do povo nordestino, acaba por satirizar toda a

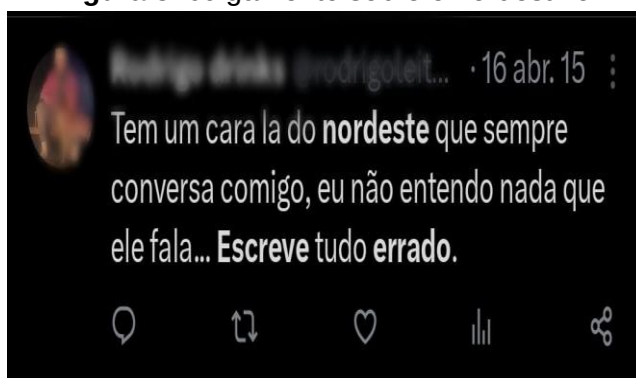
cultura de um povo. Raquel de Queiroz, mencionada por Albuquerque (2001), diz que a mídia tem o olho torto quando se trata de mostrar o 'Nordeste', pois eles só querem miséria.

Partindo dessa perspectiva, a mídia transmite uma imagem pré-concebida do nordestino, na qual habitantes de outros locais avaliam-na como inferior. Pode-se enfatizar, ainda, que a sociedade reflete aquilo que na mídia passa a ter como certo ou errado. Dessa forma, trazendo para o contexto desta pesquisa, ao analisar a figura 5 vê-se que o produtor do tweet enxerga o nordestino como povo que não sabe se comunicar da forma que, para ele, foi transmitida como certa.

Tentar superar este discurso, estes estereótipos imagéticos e discursivos acerca do Nordeste, passa pela procura das relações de poder e de saber que produziram estas imagens e estes enunciados clichês, que inventaram este Nordeste e estes nordestinos. Pois tanto o discriminado como o discriminador são produtos de efeitos de verdade, emersos de uma luta e mostram os rastros dela (Albuquerque, 2001, p.21).

De acordo com a autora, estigmatizar a região Nordeste como sendo espaço de povos marginalizados, “coitadinhos”, miseráveis, é algo tão corriqueiro que os próprios passam a crer nessa ideia de que são desvalidos. Essa errônea visibilidade se faz amplamente presente em produtos midiáticos da contemporaneidade que se norteiam nas relações de poder como é destacado na Figura 5.

Figura 5: Julgamento sobre o nordestino.



Fonte:

https://twitter.com/rodrigoleitemor/status/588780635105447936?t=uiBDHy_GoNtVOitxvCpeKw&s=19

É importante frisar que, na grande maioria das vezes, casos de “erros” gramaticais semelhantes ocorrem devido à desatenção do autor do tweet, pois é nitido que há o domínio

do sistema linguístico nos enunciados. Entende-se que redes sociais como o X (Twitter) acabam desenvolvendo um processo de comunicação mais dinâmico e, em busca da agilidade de escrita, muitos usuários cometem equívocos, mas que raramente prejudicam a interação. Segundo Alkmim (2005),

[...] as variações observadas nas línguas são relacionáveis a fatores diversos: dentro de uma mesma comunidade de fala, pessoas de origem geográfica, de idade, de sexo diferentes falam distintamente. É bom frisar que não existe nenhuma relação de causalidade entre o fato de nascer em uma determinada região, ser de uma classe social determinada etc., e falar de uma certa maneira (Alkmim, 2005, p. 34).

Desse modo, a figura 6 trata do desconhecimento das variedades que a língua dispõe. A Língua Portuguesa falada no Brasil apresenta muitas variedades dialetais, como já discutiremos sobre neste trabalho. As variações podem ser geográficas dependendo do lugar em que a pessoa mora e, também, sociais, dependendo dos lugares em que as pessoas frequentam ou o grupo de que participam. Essas diferenças tendem a gerar o preconceito linguístico.

É viável mencionar as variações linguísticas de duas maneiras fundamentais: variação espacial (ou geográfica) e variação sociocultural (ou socioeconômica). A variação espacial ou geográfica diz respeito às discrepâncias linguísticas distribuídas no espaço físico, que podem ser observadas nas distintas procedências geográficas dos locutores. Por muitas vezes o humor é uma alternativa para a disseminação do preconceito linguístico, como apresenta a Figura 6.

Figura 6: O preconceito sendo velado através do “humor”.



Fonte:

<https://twitter.com/AlemaoGeke/status/1591168197012905985?t=wzbnLU0jo6ZdGeCpa1vENg&s=19>

Cada falante emprega a linguagem conforme normas específicas que adquiriu em seu próprio convívio, reflexo da comunidade linguística na qual está inserido. Variações são perceptíveis entre um grupo de falantes e outro, entretanto, essa distinção não implica que uma região seja dotada de regras enquanto a outra não seja. Outro exemplo do que se está tratando na figura 7, o autor faz uma comparação entre uma personagem de quadrinhos infantil, o Cebolinha da turma da Mônica, buscando fazer um paralelo entre o dialeto nordestino e a personagem infantil, tratando de ambos os casos como “errados” de acordo com o ponto de vista do autor do *post* e que trata como “piada”, “meme”, a partir da sua afirmação.

Segundo Oliveira (2015), as manifestações discriminatórias da língua nos segmentos sociais dominantes pelos meios de comunicação se mascaram no texto de humor, pois sua aparência ingênua desvincula a culpa da prática do preconceito linguístico. A língua se modifica ao uso do falante. Ela permite adaptações e está rigidamente apegada à gramática não favorece a comunicação entre os falantes. Segundo Bagno (2009),

A noção de erro na língua só pode se aplicar a fenômenos individuais e particulares. Se uma pessoa, em vez de dizer cavalo, disser “davaló”, “gavaló”, “cafalo”, “cavaro”, etc., isso sim é um erro, que deve ser tratado clinicamente de modo adequado. Mas se milhares de brasileiros dizem o meu óculos novo e não “os meus óculos novos”, é porque eles têm a necessidade de modificar alguma regra da língua para ela se adaptar a uma interpretação nova da realidade. Afinal, a língua tem que servir aos seus falantes, e não o contrário (Bagno, 2009, p.45)

A língua é um fenômeno social, moldada pelas convenções sociais que a cercam. O uso de uma gíria, ou de uma maneira diferente da norma culta, por exemplo, não implica dizer que os falantes estejam em desacordo com as normas linguísticas, mas, sim, que fazem uso distinto da mesma língua. A linguagem está constantemente em processo de transformação, assim como o tempo e os aspectos culturais, e se adapta a cada mudança social e histórica. Consequentemente, ao longo do tempo, surgem cada vez mais variações linguísticas. Pode ser esse um fato que o autor do tweet desconheça, como é nítido na Figura 7.

Figura 7: A representatividade do povo nordestino.



Fonte:

https://twitter.com/theeraspedro/status/1747384745753743425?t=lob3O7KxDrs21_90KOv8vA&s=19

Na Figura 7, tem-se a fala de uma pessoa que, diferentemente dos tweets anteriores, defende o povo nordestino e evidencia a representatividade que este povo tem. A imagem descreve o percentual de notas mil no Enem, que em sua maioria foram obtidas por estudantes nordestinos, descrevendo que mesmo sendo uma região que sofre com xenofobia, não apenas no preconceito linguístico, mas, também, por outros aspectos. Estereotipar uma região apenas por ser diferente das outras empobrece a diversidade que o Brasil dispõe. Engrandecer a diversidade linguística e cultural é um papel crucial de todos.

A língua faz parte da identidade cultural, histórica e social pertencente a um grupo e é dotada de crenças e valores, então, não faz sentido discriminá-la. Para Bagno (2009), a mudança linguística é o resultado de fatores internos, os mecanismos cognitivos e de fatores externos, que são os sociais e os culturais, porque as adaptações são essenciais para acompanhar as mudanças da sociedade. O valor linguístico que cada região carrega é cheio de riquezas. As particularidades são o cerne que fazem com que os estudos da linguagem sejam tão expansivos.

De acordo com Lopes (2012),

são comuns, em nossa sociedade, confusões relativas às noções de certo e errado, pois é comum considerar como erros os modos diferentes de falar e como certos apenas os usos que seguem a norma padrão. A forma padrão é, na verdade, apenas uma das modalidades da língua e não a única (Lopes, 2012, p. 339).

É nítido, tomando como base a análise desses tweets, que o preconceito linguístico está enraizado no meio e evidenciado nas postagens, muitas vezes expresso com tom de “humor” que se utilizou para a prática do preconceito linguístico velado.

Além disso, ficou claro que o povo nordestino sofre por muitas vezes xenofobia apenas por se diferir dos sulistas, por exemplo. Os comentários manifestam repúdio contra as diferenças linguísticas taxadas de “erros de português”. Pode-se afirmar que a Gramática Normativa ainda é muito vista como única e absoluta, a qual, além de levar ao tolhimento das variedades linguísticas, também é usada como ponte para tentar ridicularizar e marginalizar as camadas populares.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir das considerações apresentadas neste presente trabalho foi possível ter a percepção que o preconceito linguístico é de fato uma realidade que parece expandir-se pelo alcance e dinamismo que as redes sociais dispõem. Sabendo dessa realidade, é importante salientar a necessidade de desenvolver não apenas estudos científicos acerca das variações linguísticas, mas, também, tratar do assunto de maneira mais ampla no contexto das escolas e em outros espaços.

Mediante o que foi analisado e descrito, com base em uma fundamentação teórica que abarcou alguns conceitos sobre as variedades linguísticas, dentre elas as regionais e sociais, é perceptível a discriminação que a língua e seus falantes, em específico os da região Nordeste, sofrem nas redes sociais que, por algumas vezes, tentam mascarar discursos preconceituosos através do humor, já outras vezes o fazem sem menor pudor.

Evidenciamos que o normativismo linguístico nas redes sociais, tomando como exemplificação o X (Twitter), que é uma rede social menos restritiva em relação ao que seus usuários expressam livremente pode corroborar para a propagação desse preconceito, visto que, diferente de outras redes sociais, os usuários têm menos riscos de terem seus perfis excluídos. Dessa forma, pode-se reforçar velhas concepções de língua/linguagem alinhadas

com a tradição gramatical. O português popular é tratado como algo menor, cuja legitimidade, no máximo, será relegada à oralidade.

Ademais, sabe-se que será difícil mensurar o desserviço que pessoas que propagam o preconceito linguístico causam, porque podem causar desinformação além de fomentar um discurso visando menosprezar diferenças. É evidente que se deve ter uma compreensão adequada da língua pelos seus usuários e que as variações linguísticas fazem parte do dia a dia. O trabalho aqui apresentado pretende ser apenas uma amostra das questões a investigar aspectos, observar e discutir sobre o preconceito linguístico, em especial ao povo nordestino. Os aspectos do normativismo linguístico nas redes sociais digitais são bem mais complexos e permanecem como um convite à pesquisa fundamentada em concepções de língua/linguagem que tomem como gancho a inter-relação entre linguagem e sociedade.

REFERÊNCIAS

ANTUNES, Irandé. **Aula de português: encontro & interação**. São Paulo: Parábola Editorial, 2003.

ALKMIM, Tânia Maria. Sociolinguística – parte I. In: BENTES, Anna Christina; MUSSALIM, Fernanda (Orgs.). **Introdução à linguística: domínios e fronteiras**. v. 1 São Paulo: Cortez, 2001. p. 21-47.

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz. **A invenção do Nordeste e outras artes**. Massangana. São Paulo: Cortez, 2001.

BAGNO, Marcos. **A língua de Eulália: novela sociolinguística**. 12. ed. São Paulo: Contexto, 2003.

BAGNO, Marcos. **Preconceito linguístico: o que é, como se faz**. 49. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2007.

BEZERRA, Benedito Gomes. O discurso acadêmico sobre língua e linguagem na internet. In: **SIMPÓSIO HIPERTEXTO E TECNOLOGIAS NA EDUCAÇÃO, COLÓQUIO INTERNACIONAL DE EDUCAÇÃO COM TECNOLOGIAS**, 1., 2013, Recife. Anais Eletrônicos. Recife, NEHTE/UFPE. p. 1-20.

COELHO, Izete Lehmkuhl; GÖRSKI, Edair Maria. A variação no uso dos pronomes tu e você em Santa Catarina. In: LOPES, Célia Regina dos Santos; REBOLLO, Leticia (Orgs.) **Formas de tratamento em Português e Espanhol: variação, mudança e funções conversacionais**. Niterói, RJ: Editora da UFF, 2011.

FARACO, Carlos Alberto. **Norma culta Brasileira: desatando alguns nós.** São Paulo, SP: Parábola ditorial, 2008.

GERALDI, João Wanderley. Concepções de linguagem e ensino de português. In: GERALDI, João Wanderley (Org.). **O texto na sala de aula.** Paraná: Assoeste, 1984.

KOMESU, Fabiane; TENANI, Luciane. **O internetês na Escola.** São Paulo, Cortez 2015.

LYONS, John. **Linguagem e Linguística: Uma introdução.** 1. ed. Rio de Janeiro: LTC, 1981.

LEITE, Marli Quadros. **Preconceito e intolerância na linguagem.** São Paulo: Contexto, 2008.

LOPES, Roberta Gleyciângela Souza. RESENHA. **Entrepalavras.** Fortaleza - ano 2, v.2, n.1, p. 339-343, jan/jul 2012.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Da fala para a escrita: atividades de retextualização.** 2. ed. São Paulo: Cortez, 2007.

OLIVEIRA, Gilvan Müller de. Language Policy and Globalization: The Portuguese language in the twentyfirst century. In: MOITA LOPES, Luiz Paulo da. (Org.). **Global Portuguese – Linguistic Ideologies in Late Modernity.** New York & London: Routledge, 2015, p. 27-46.

PIMENTEL, Renato Lira. **Um estudo sobre hibridização e agrupamento de gêneros no Facebook.** 2014. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2014.

POSSENTI, Sírio. **Por que (não) ensinar gramática na escola.** Campinas, SP: Mercado de Letras: Associação de Leitura do Brasil, 1996.

RECUERO, Raquel. **Redes sociais na internet.** Porto Alegre: Sulina, 2009.

SILVA JÚNIOR, Silvio Nunes da. O componente curricular Comunicação e Expressão, seus conceitos e suas implicações para o ensino de Língua Portuguesa. In: SOUTO MAIOR, Rita de Cássia; ZOZZOLI, Rita Maria Diniz. (Org.). **Linguística Aplicada: 25 anos do Gedeall.** 1ed.Tutoia, MA: Lupa, 2024, v. 1, p. 133-162.

SOARES, Magda. **Linguagem e escola: uma perspectiva social.** São Paulo: Editora Ática, 1992.

Silvio Nunes da SILVA JÚNIOR

Professor Adjunto da graduação e do Programa de Mestrado Profissional em Letras (Profletras) da Universidade de Pernambuco (UPE/Garanhuns). Professor Permanente do Programa de Pós-graduação em Linguística e Literatura da Universidade Federal de Alagoas (PPGLL/UFAL). Doutor em Linguística pela Universidade Federal de Alagoas (UFAL). Desenvolveu pós-doutorado na Universidade do Estado da Bahia (UNEB), na UPE e na UFAL. Bolsista de Produtividade da FACEPE. E-mail: silvio.nunesj@upe.br

Jaedson Tiago Alves GOMES

Graduado em Letras – Língua Portuguesa e suas Literaturas pela Universidade de Pernambuco (UPE/Garanhuns). E-mail: jaedsontiago86@gmail.com

Recebido em 12. janeiro.2026

Aceito em 22. fevereiro.2026